



Data: 27.07.2022

Titulo: "A obra musical tem de receber um beijo de vida"

Pub:

**JL**

**QuickCom**  
comunicação integrada

Tipo: Jornal Nacional Quinzenal

Secção: Nacional

Pág: 1;18;19

## Alfred Brendel "A obra musical precisa de um beijo de vida" Entrevista de Bruno Caseirão

Nuno Júdice escreve sobre um inédito de Camões \* As transições do mundo, por Boaventura de Sousa Santos \* Luís Faro Ramos faz um 'balanço' da Bienal de S. Paulo \* Trump, Bolsonaro e outros, por António Mega Ferreira



RIITA CARMO

Área: 761cm<sup>2</sup> / 30%

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 7444253



Data: 27.07.2022

Título: "A obra musical tem de receber um beijo de vida"

Pub: **JL**

Tipo: Jornal Nacional Quinzenal

Secção: Nacional

Pág: 1;18;19



# Alfred Brendel

## "A obra musical tem de receber um beijo de vida"

É um dos grandes pianistas contemporâneos, consagrado em todo o mundo – e agora doutorado *honoris causa* pela Universidade de Lisboa. Aos 91 anos, tendo deixado de dar concertos, continua muito ativo, mormente em *falas* em várias partes do mundo, na sua faceta de poeta, ensaísta, homem de cultura e pensamento. Como mostra nesta entrevista ao **JL**, conduzida pelo musicólogo, investigador, professor, autor de programas da Antena 2 e nosso colaborador, na qual afirma: "Ter lido romances na juventude ensinou-me mais sobre o ser humano do que a própria realidade me teria permitido. Ler Shakespeare e Tolstoi desenvolveu em mim a ideia de que há obras que, de uma forma misteriosa, se criam a elas próprias"

BRUNO CASEIRÃO

# A



Alfred Brendel "Costo de estar desperto para a individualidade de cada instrumento"

**Qual tem sido a sua relação com o seu instrumento?**

Dependendo do instrumento: reservada, cordial ou enamorada. Há pianistas que tocam em qual quer piano, que inveja! Pertencem aqueles que precisam não só de um ótimo piano como da presença de um excelente técnico de concerto. A produção do som, mesmo de cada nota, deve estar nas mãos do pianista, que tem de poder confiar na igualdade do som, na mecânica do piano, como no funcionamento adequado dos pedais. Se olharmos para a extensão da literatura para piano, e em particular para o instrumento atual, concluímos que estamos perante uma das maiores invenções musicais de sempre.

**A sua conceção de interpretação musical revela - o enquanto pensador musical. Inclusive, Peter Hamm utiliza a expressão "brendeln" para identificar as particularidades desse pensamento. A citação que tem feito de Novalis, "na obra de arte o caos deve cintilar através da superfície diáfana da ordem", surge como exemplo da ligação entre música e estética. Considera ter a sua própria filosofia de interpretação musical?**

Nada disso. Nunca procurei ser um filósofo. Quanto ao tratamento da música: como ponto de partida não estou interessado na análise (musical), nem quero sobrecarregar a música de sentidos encobertos, com ideias, imagens extramusicais, poéticas, ou perspectivas sobre o mundo interior do compositor. É sim a obra musical que tem de ganhar vida, acordar, ou melhor, receber um beijo de vida. A notação sugerida pelo compositor é já um caminho musicalmente compreensível.

Para mim, o dualismo estrutura e caráter, intelecto e sentimento,

Alfred Brendel, natural de Zagreb, criado em Graz, há muito radicado em Londres, e para quem numa obra musical "a mais ínfima nuance é tão importante como a compreensão do todo", é um dos maiores pianistas do nosso tempo. Com uma notabilíssima e extensa carreira, com mais de seis décadas, distinguiu-se como um dos mais conceituados intérpretes da primeira Escola de Viena e da primeira geração romântica. Também destacado ensaísta e poeta, aos 91 anos Brendel continua ativo e ainda recentemente esteve em Portugal, no âmbito da homenagem que lhe foi prestada pelo Festival de Música dos Capuchos e pelo seu diretor, o pianista Filipe Pinto-Ribeiro, tendo sido doutorado *honoris causa* pela Universidade de Lisboa, onde proferiu uma conferência sobre Goethe.

**Jornal de Letras: A sua relação com Portugal é antiga. Refere Viana da Mota, foi colega de Helena Sá e Costa e Sequeira Costa Enquanto aluno de Edwin Fischer, na sua primeira grande tournée incluiu Portugal e aqui regressou muitas vezes para dar recitais e masterclasses. Que memórias guarda do nosso país?**  
Alfred Brendel: Memórias felizes. Lisboa é uma linda cidade, com

as suas colinas junto ao mar! A Gulbenkian, os verdadeiros tesouros do seu Museu e a extraordinária acústica do seu Grande Auditório. Também o Museu de Arte Antiga, onde está uma das minhas obras de eleição, "Tentações de Santo Antão", de Hieronymus Bosch. A obra de Pessoa e os seus vários heterónimos que, em versões alemãs e inglesas, me acompanham há décadas. A visão da nova Ponte Vasco da Gama. E como não referir a gastronomia, em particular o manancial de sobremesas?

Por outro lado recordo sempre as visitas a Helena Sá e Costa, em sua casa, no Porto; e, noutra plano, três explosões durante um concerto ao ar livre sem consequências, até foi divertido...

**Em Depois do Último Acorde afirma que o seu verdadeiro herói é o técnico do piano, mas também que "a técnica é apenas o meio para atingir um fim". Também escreve: "Ouço-me, o público ouve-me, mas será que ouço o compositor?"**

**Apenas experimentei a "mão" a escrever ensaios e poemas que são para mim tão absurdos como o mundo que me rodeia**

Área: 761cm² / 30%

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 7444253



Data: 27.07.2022

Título: "A obra musical tem de receber um beijo de vida"

Pub: **JL**

Tipo: Jornal Nacional Quinzenal



Secção: Nacional

Pág: 1;18;19

é ainda a força motriz. Além disso, encaro cada obra musical como singular e única *per si*. O que a torna singular? Na procura dessa singularidade nunca devemos perder a ligação com a partitura - normalmente o compositor conhece-a melhor.

**Tanto em concertos como em gravações regressou ciclicamente às 32 sonatas para piano solo e aos cinco concertos para piano e orquestra de Beethoven. Porquê?** Enquanto o intérprete se continua a desenvolver e não apenas a "reproduzir" como um computador, enquanto o público estiver receptivo para o ouvir, enquanto ele ou ela continuar a gostar de se regravar e de ouvir as suas próprias gravações, até como fonte constante de autocontrolo, e mantenha a capacidade de se ouvir a si próprio, uma das condições essenciais para uma boa interpretação é que tenha premência de evoluir. Não esquecer que as *nuances* não são menos importantes que a visão do todo.

Sermos convidados para tocar ciclos em salas de concerto é um indicio de que há suficiente número de pessoas que nos querem ouvir "em carne e osso". As interpretações ao vivo ainda não perderam o seu apelo. Ouvir uma série de obras em conjunto com outras pessoas adquire um sentido especial.

### **Não quero sobrecarregar a música de sentidos encobertos, com imagens extramusicais, ideias, imagens poéticas ou perspectivas sobre o mundo interior do compositor**

**Na atualidade, as neurociências não só revelam as reações e efeitos da música no cérebro humano como mostram como "opera" o cérebro musical. Como vê esta nova realidade?**

Ainda não tenho ideia de que como o cérebro funciona, mas a minha parceira/companheira, dr.<sup>a</sup> Maria Majno, está muito envolvida no domínio da música e das neurociências. A investigação realizada parece demonstrar quão próxima a música está da nossa natureza e a forma única como, envolvendo múltiplas camadas de cognição, memória e educação, o cérebro se relaciona com a mesma.

**A literatura e a poesia são essenciais para si. "Onde estão os meus livros, partituras e discos, está a minha casa", escreveu. Que relação tem com a literatura e os livros? Em que medida a palavra escrita complementa a ideia, o som musical?**

Para mim, as artes - literatura, música, artes plásticas, arquitetura - têm-se mantido, em geral, entidades separadas. Sim, há metáforas: um poema pode ser apelidado de musical, algumas obras musicais são consideradas "coloridas", um pintor pode ter o sentido da arquitetura. Prefiro ser "impressionado" por cada uma das artes individualmente. Quando loco, não vejo cores, não vejo imagens, nem imagino histórias. Claro que existem aspetos de "composição" que são relevantes para todas as artes. Quando olho para um quadro, um dos primeiros elementos que sobressai é a sua "composição", que contribui para sentir o equilíbrio que encontro nas grandes obras de arte. Da mesma forma, posso-me impressionar por obras cujo equilíbrio é distorcido ou destruído de forma consciente.

Ter lido romances na minha juventude ensinou-me mais sobre o ser humano do que alguma vez a própria realidade me teria permitido. Ler Shakespeare e Tolstoi desenvolveu em mim a ideia de que há obras que, de uma forma mis-

teriosa, se criam a elas próprias. São as próprias personagens que dizem ao escritor como são e o que deve ele fazer - mas não sou crítico literário. Apenas experimentei a "mão" a escrever ensaios e poemas que são para mim tão absurdos como o mundo me rodeia. Através dos romances e do teatro aprendi imenso sobre como caracterizar musicalmente, nesse sentido, os grandes atores são-me muito próximos, estão entre os familiares mais chegados. Um intérprete musical devia observá-los e aprender com eles.

**Em *A Superfície Diáfana da Ordem*, explica como foi construindo uma carreira musical única. Inclusive, não omitindo dificuldades causadas por razões musculares. Que venceu, mostrando sempre uma**

**Encaro cada obra musical como singular. E na procura dessa singularidade nunca devemos perder a ligação com a partitura**

**singular capacidade de renovação, e dedicando-se ainda mais à escrita de ensaios e poemas. Onde encontra essa fonte inesgotável de energia e vitalidade?**

Nem posso dizer que o fiz "para mim próprio", pois nunca estive particularmente desperto ou enamorado de "mim próprio", mas também, não me odeio. Houve suficiente energia e curiosidade em fazer todas estas coisas, mas não foi com uma energia nervosa ou histérica, e sim uma energia constante, alimentada pelos objetos da minha curiosidade: pelas obras de arte e literatura, pela minha relação com as pessoas.

Trabalhando agora com quartetos de cordas - algo que adoro - gosto de estar desperto para a individualidade de cada instrumento, mas também, de me aperceber da pulsação essencial do ensemble. Frequentemente, os solistas, pois existe a convicção generalizada que tocar a tempo é aborrecido, com prejuízo para si próprios, evitam essa pulsação de conjunto. Na interpretação de uma obra, a mais ínfima nuance - parece-me a mim - ser tão importante como a compreensão do todo. **JL**

*\*Um agradecimento ao pianista Filipe Pinto Ribeiro, amigo de Alfred Brendel, que foi providencial para que esta entrevista se realizasse. JL*

Área: 761cm² / 30%

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 7444253